

NARRATIVAS ESCRITAS NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM ENCONTRO COM A ALTERIDADE

WRITTEN NARRATIVES IN TEACHER'S FORMATION: A MEETING WITH THE ALTERITY

SILVA, Herlane Maria Teixeira

E. E. D. A. Campelo e E. M. J. C. Amorim – Petrolina/PE

herlaneteixeira@hotmail.com

GUILHERME, Sandra

E. E. B. Ivo D'Aquino/EJA – Gaspar/SC

guilsa10@hotmail.com

RESUMO Neste artigo nos propomos a discutir o uso de narrativas escritas na formação de professores na tentativa de compreender movimentos reflexivos que essa prática desencadeia ao proporcionar ao docente a desconstrução/construção de experiências constitutivas da sua identidade profissional e ao motivá-lo a reconhecer o “outro” como fundamento dessa identidade. A discussão é feita com base em dados obtidos por meio de entrevista com docentes que, ao participarem de uma formação, produziram narrativas escritas sobre professores que lhes deixaram marcas. Como referencial teórico, baseamo-nos nos autores Elbaz (1990), Ferrer (1995), Souza (2006), Nóvoa (1995) e Bakhtin(2006). Iniciamos com a contextualização dos acontecimentos que geraram o trabalho, em seguida discorremos sobre os conceitos utilizados no embasamento teórico, para após isso, analisarmos os enunciados dos sujeitos. O que pudemos compreender é que o exercício de refletir sobre o vivido favorece a compreensão do processo formativo desses sujeitos, já que se voltam ao diálogo consigo mesmo e com o outro. Mesmo considerando as características de cada sujeito, expressadas nas singularidades, esses se aproximam, ao se envolverem na reflexão sobre a prática de narrar experiências de convívio com o outro, que lhe imprimiu marcas; se movem ao encontro de uma desalienação individual, formando uma consciência de si mesmo, numa perspectiva de situar-se em diferentes posições no mundo como sujeito de sua própria história.

Palavras-chave: Formação de professores. Narrativas escritas. Alteridade.

ABSTRACT In this article we intend to discuss the use of narratives written in the teachers' formation, in the attempt of understanding reflexive movements that this practice unleashes while providing to a teacher, the de-construction/construction of

constitutive experiences of his professional identity and while causing it, also recognizing the "other" like basis of this identity. The discussion is done on the basis of data obtained through interviews with teachers who after participated on the formation of produced narratives written on teachers who left marks. Like theoretical referential system base ourselves on the authors Elbaz (1990), Ferrer (1995), Souza (2006), Nóvoa (1995) and Bakhtin (2006). We begin with the contextualization of the events that produced the work, and then further talk about the concepts used in the theoretical foundation, then analyze the expressed ones of the subjects. What we could understand is that the exercise to reflect on their experience leads to understanding of the formation process of these subjects, as they turn to dialogue with oneself and with others. Even considering the characteristics of each subject, expressed in the singular, they are approaching when to engage in reflection about the practice of narrating experiences of living with each other, which gave it brands, moving to meet an individual alienation, forming a self-consciousness from the perspective of standing at different locations in the world as subjects of their own history.

Keywords: Teachers' formation. Narratives written. Alterity.

DO PERCURSO CONSTITUTIVO

Como já mencionamos anteriormente, os dados aqui apresentados e discutidos foram obtidos por meio de entrevista com professores, que, como nós, autoras deste trabalho e mestrandas do PPGE/ME Programa de Mestrado em Educação da FURB, em Blumenau-SC, cursavam a disciplina Formação e atuação docente: tendências e desafios contemporâneos. A referida disciplina teve a duração de 36 h/a e aconteceu no segundo semestre de 2010. Inseridos nesse contexto, fomos provocados a refletirmos sobre professores marcantes em nossa trajetória profissional para, a partir daí, escrever uma narrativa com essa temática, tendo como embasamento teórico os autores estudados na disciplina. Os comentários eram constantes sobre a proposta. Cada um queria contar ao outro sobre quem iria escrever e os motivos que lhe levaram a essa seleção, enfim, as marcas que esses mestres haviam deixado.

Alguns livros foram lidos para motivação do trabalho, como o de Fanny Abramovich (1997) *Meu Professor Inesquecível*: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores, também o texto de Maria Eugênia Castanho: *Sobre Professores Marcantes*. A partir desses e de outros textos discutíamos a presença das marcas deixadas por alguns de nossos professores e

que de alguma forma contribuíram para a nossa formação identitária. Essa prática de se utilizar histórias de vidas e relatos autobiográficos na formação de professores, hoje, tem se tornado estratégia que possibilita o estudo das práticas e carreira dos docentes, pois, segundo Catani (1997, p. 32) “As concepções sobre as práticas docentes não se formam nos cursos de formação, encontram-se enraizadas em contextos e histórias individuais que antecedem até mesmo a entrada na escola e estendendo-se por toda a vida.”.

Desse movimento, primeiro oralmente e depois partindo para a produção escrita, surgiram as nossas histórias: enunciados repletos de marcas: sinais do outro em nós. Entendemos que ao materializarmos linguisticamente essa história, inúmeras vezes apareceram, pois dessas vozes é que nos constituímos, na interação com o outro. E nesse diálogo de vozes atribuímos sentidos às nossas palavras, que se configuram como enunciados atravessados pelas palavras do outro.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é uma reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros meios semióticos). (BAKHTIN, 2006, p. 379).

Na concepção de Bakhtin (2006), o sujeito se constitui à proporção que interage com outros estabelecendo relações dialógicas com a cultura, experiências e práticas sociais. Essa compreensão, aqui partilhada, foi construída por meio das discussões realizadas em torno da teoria bakhtiniana estudada na disciplina que paulatinamente à de formação docente, nós, autoras deste trabalho, estávamos cursando: Leituras Seminais de Bakhtin: o dialogismo. A partir do estudo dos conceitos que se entrelaçam com o dialogismo bakhtiniano, destacamos o de alteridade: a presença do outro. Entendemos que a experiência de narrarmos sobre professores que nos deixaram marcas nos possibilitou perceber uma maneira significativa de pensar na formação do professor considerando aspectos da trajetória de formação que são constitutivos da sua identidade profissional.

Vivenciamos acontecimentos que evidenciaram que nós nos constituímos na relação com o outro. Assim a nossa produção passou a ter novos significados

quando percebemos a importância de pensar no outro, como alguém que contribui para a construção de sentidos no processo formativo do docente. Dessa maneira, compreendemos que as vozes dos outros que atravessam a nossa, numa relação dialógica é fundamental para a formação da nossa experiência discursiva individual. Nesse movimento com a linguagem se configura a alteridade entendida aqui neste trabalho como favorecedora de uma compreensão de como nos constituímos como profissionais da docência, ou seja, da presença do outro nessa constituição. Nesse sentido, Bakhtin (2006, p. 294) afirma que “nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados são plenos de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade [...]” Nesse movimento com a linguagem, as palavras passam pelo processo de interiorização em que as do meio exterior se fundem com palavras da consciência e no confronto, emergiu este nosso trabalho, numa tentativa de compreensão da temática, abrindo-nos a essa reflexão que ora se constitui.

UMA INTERLOCUÇÃO COM O ATO DE NARRAR E A ALTERIDADE

O uso de narrativa em estudos científicos, principalmente na área de educação, vem crescendo bastante, configurando-se como significativa prática investigativa. Essa forma de expressar possibilita a construção/desconstrução das experiências do professor, além de provocar mudanças da maneira de compreensão de si e dos outros. Por meio das percepções que constituem o *corpus* das narrativas dos sujeitos aparece uma representação da realidade povoada de significados e (re) interpretações. Ferrer (1995, p.166) explica que “a narração do conhecimento outorga compreensão da realidade [...], pois, o escrito explica a vida.” A autora fundamenta com veemência a importância das narrativas escritas como instrumento metodológico, em pesquisas. Segundo ela, as narrativas nessa modalidade se apresentam com tom de disciplinadoras do discurso. Afirma ainda que a linguagem escrita libera, com mais intensidade que a oral, a compreensão nas especificações e restrições. Essa mesma autora aponta que o trabalho com narrativas desencadeia outra vertente de aprofundamento – o viés do caráter formativo. A esse respeito, diz: (p.178), “compartir a historicidade narrativa e a expressão biográfica dos fatos percorridos se converte em um elemento catártico de desalienação individual e coletiva, que permite situar-se desde uma nova posição no mundo.” Nesse

movimento ocorre o desvendar de elementos um tanto enigmáticos, para o próprio sujeito da narração que, na maioria dos casos, nunca havia sido motivado a expressar de forma organizada.

Nesse universo teórico de apropriação de narrativas como recurso metodológico, em pesquisas, encontramos outra autora que defende a investigação narrativa. Trata-se de Elbaz (1990, p. 45-53). Ela argumenta que a narrativa é um bom recurso metodológico para tornar pública a voz dos professores. Aponta, para fundamentar seu posicionamento, seis razões. 1) narrativas mostram saberes tácitos dos professores; 2) ocupam lugar em um contexto significativo, nesse caso a escola; 3) recorrem à tradição de contação de histórias, traço específico do ser humano; 4) normalmente favorecem um aprendizado por meio de um ensinamento/lição; 5) oportunizam que o professor externalize suas críticas de maneira social conveniente e aceitável; 6) refletem acerca do inseparável vínculo entre pensamento e ação, na hora de narrar, claramente notado no diálogo entre o narrador e o ouvinte.

Além desses pressupostos, vale ressaltar que analisar narrativas de professores é um procedimento que corrobora com a perspectiva teórica das ciências humanas como as ciências do homem em sua particularidade e que, segundo Bakhtin (2006, p. 312) esse “homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo, isto é, cria textos.” A necessidade de compreender esse homem dentro do texto, como ser histórico e social é pressuposto dessas ciências. Em consonância com as ideias acima compreendemos que ao escrever sobre eles mesmos, ao narrar sua trajetória de interlocução com professores, em determinadas fases da vida, permite-nos perceber, por meio dessa escrita traços do processo de sua constituição identitária como sujeito pedagógico. Nesse movimento, o professor se abre ao aprender a (re) escrever a própria história, a ressignificá-la. Essa trajetória construída, na interação com o outro, será materializada por palavras. Estas, carregadas de uma multiplicidade de significações, serão usadas como expressão da compreensão de si, do outro e do contexto educacional onde está inserido.

Nas reflexões sobre o dialogismo bakhtiniano em que o homem é compreendido pela atividade humana da linguagem, passamos a entender, nesse princípio dialógico, a marca da alteridade no ser humano, pois o outro é fundamental para a constituição desse ser. O sujeito, na teoria bakhtiniana, nunca é completo,

fechado em si; sua existência está sempre a depender do relacionamento com os outros. Ao basear-se nesse entendimento, o sujeito se posiciona com uma consciência de que os sentidos são construídos socialmente, com a presença de um interlocutor. Nessa interação é que se constitui a sua identidade social. Sendo assim, destacamos aqui no nosso trabalho o sentido de alteridade sempre correlacionado às discussões sobre linguagem, já que entendemos a alteridade como esse movimento de sujeitos que se constituem na e pela linguagem. Na convivência com esse outro, surgem oportunidades de vê-lo como alguém, que, mesmo diferente contribui para a constituição da nossa identidade social.

O outro é aquele em relação ao qual não há adesão e que assim se constitui como um objeto de pesquisa para mim. E se a constituição desse objeto se faz por objetivação do sujeito, isto é, pelo que em mim se desloca e não adere, pode-se dizer que a alteridade procede de mim. (AMORIM, 2004, p. 69).

Perceber a presença do outro na constituição do nosso ser, se configura como estratégia fundamental, nessa época em que vivemos: um tempo em que se cultiva a valorização da formação inicial e da formação continuada embasadas na prática real e na constituição da profissão docente. Nesse sentido Nóvoa (1995) defende a posição de que é importante que a formação do educador se faça mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina, portanto enfatiza:

(...) eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal. (NÓVOA, 1995, p.17)

Assim, ao identificar a presença do interlocutor, como imprescindível na nossa constituição, passamos a nos conscientizar que é na relação dialógica, ou seja, numa interação constante e contínua com os enunciados dos outros que construímos nossa forma de expressão singular, porém povoada do discurso alheio. Neste nosso trabalho procuramos por meio da alteridade entender como o outro contribuiu para a nossa formação de profissionais da docência. Ao fazermos um retorno a nós mesmos, em primeira instância na discussão oral e depois na produção escrita da narrativa, assumimos uma consciência de quem somos e como

estamos e a partir disso lançamos um olhar para o outro, que se efetivou como alguém, que imprimiu marcas em nós, em determinada fase da nossa vida. Isso nos faz refletir sobre o processo de construção de nossa identidade profissional, já que olhamos para professores para nos vermos professores. Nóvoa (1995, p. 16) argumenta: "A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto, ela é um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão." Entendemos que é a partir desse princípio de construção identitária que a alteridade se constitui como fundamento da nossa identidade, pois nossa consciência, nossas opiniões, visões de mundo, pensamentos se elaboram e ganham forma a partir das relações dialógicas que estabelecemos com outros sujeitos.

UMA INTERLOCUÇÃO COM OS DADOS: UM GESTO INTERPRETATIVO

Toda reflexão teórica percorrida nos leva agora para a análise dos enunciados obtidos por meio de uma entrevista narrativa com três docentes, que como nós, participaram da experiência de produzir uma narrativa escrita sobre professores que deixaram marcas. A princípio quando os convidamos para serem sujeitos da nossa pesquisa, indagamos para saber o objetivo do estudo. Esclarecida a finalidade, que pretendia abrir uma discussão em torno desse movimento de narrar sobre professores que nos marcaram, os sujeitos se dispuseram a participar da pesquisa. A entrevista nomeada narrativa foi gravada em áudio e transcrita sem seguir nenhuma convenção. Os sujeitos entrevistados são professores efetivos da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina e atuam como professores, nesse contexto, há mais de uma década. São três docentes: um graduado em Letras, um em Pedagogia e outro em História. Para a realização da entrevista, foi dado o seguinte comando: Conte-nos como foi a experiência para você de, ao estar inserido numa formação de professores, participar da proposta de escrever uma narrativa sobre professores que lhes deixaram marcas.

Ao refletir sobre o voltar ao passado, em busca de memórias, em um primeiro momento, os dados apontam algumas regularidades no sentido de aguçar, refletir, mexer e gerar dúvidas de por que tal seleção, por que tal situação/pessoa ficou latente dentro de cada um. Narrar essa parte de sua história de vida permite ao

professor uma visão de reconstituição enquanto sujeito de sua própria história, numa busca de “conscientização, visão e enunciação da própria vida” como diz Bakhtin (2006, p. 139).

Os enunciados abaixo, retirados do *corpus* da pesquisa, sinalizam essas regularidades acima mencionadas. Os sujeitos, mesmo sendo portadores de uma singularidade, ao serem provocados a falarem da experiência de narrar sobre professores marcantes se expressam, nesse primeiro momento, com uma atitude valorativa de considerar propícia a atividade apontando benefícios que esse movimento proporcionou:

(...) ó mexe com todas essas memórias dentro de mim, como fui me constituindo foi me formando e assim fazer uma análise também de como assim o porquê tá entendendo, o porquê tal tema ou aquela tal situação ficou está sempre latente na minha memória vai e vem... tá e agora a gente aguçou mais essa memória pra buscar alguns outros detalhes mas tá sempre ali né nesses flashes de memória e isso ainda não entendo, vai me motivando pra ver porque essas memórias ficaram com todo esse mundo escolar né?(...)

(...) válido poder resgatar a história da gente enquanto aluno né, enquanto educando e dentro dessa história dos nossos professores a gente também se vê (...)

(...) foi uma forma da gente voltar, retroceder né? e daí foi uma grande surpresa porque eu fui voltando, voltando, né como me formei como discente de antes pra depois chegar neste tempo, daí eu percebi que minha história começou bem antes de eu nascer porque eu venho de uma família pioneira em educação a primeira escola que surgiu na minha cidade foram minhas tias avós e a escola do meu bairro, foi meu avô junto com meu pai, minha mãe e a comunidade, foi minha primeira escola (...)

Esses dizeres sinalizam que narrar é muito mais que informar, é compreender quem somos e como nos tornamos o que hoje somos. Camasmie (2009, p. 43) argumenta que “compreender permite ao presente lançar luz ao passado, que se desoculta não como causador, mas como gerador de sentidos.” Entendemos que o eu- narrador, que aparece nesses trechos, se sente motivado e apto a dizer que esse momento de retroceder na sua própria história lhe levou à reflexão e compreensão de certos movimentos de sua constituição identitária, com forte

significado pessoal, ou seja, flashes de uma vida recordada por quem a viveu. Souza (2004, p.393) ressalta que narrar fatos da vida, “permite ao sujeito compreender, em medidas e formas diferentes, o processo formativo e os conhecimentos que estão implicados nas suas experiências ao longo da vida, porque o coloca em ‘transações’ consigo próprio, com outros humanos e com o meio natural.”

Dessa forma, entendemos que, ao partilhar sua historicidade, o docente se abre a um processo de desalienação individual, já que se dispõe a desvendar fatos um tanto enigmáticos para ele mesmo, de maneira sistematizada. Em muitos casos, uma prática nunca vivenciada. Isso nos remete a perceber o surgimento de uma oportunidade de situar-se em uma diferente posição no mundo, a partir de reflexões ontológicas e valorativas de cada um. Esse cenário tem sido foco de estudos acerca de uma vertente de formação docente que considere o professor como sujeito e objeto do estudo. Nessa perspectiva, a formação docente se configura numa visão de o professor formar uma consciência de si, de suas experiências/vivências, assumindo paulatinamente situação de sujeito e investigador de sua trajetória de vida.

Outra compreensão que nos faz considerar como regularidade enunciada nos dizeres dos sujeitos é a de entender que o docente identifica a presença do outro no processo constitutivo da sua identidade profissional. As vozes desse outro atravessam o nosso discurso, levando-nos a refletir acerca desse sujeito sempre inacabado que se constitui da/na interação dialógica. Desse atravessamento de vozes, se forma a história de cada um, também, como afirma Ricoeur (1991, p.190), “emaranhada nas histórias de outros. Partes inteiras da minha vida fazem parte da história da vida dos outros (...).” A partir da discussão de três enunciados abaixo buscamos compreender a percepção de cada sujeito, ou seja, além da regularidade acima descrita, atribuímos gestos interpretativos às singularidades que conseguimos depreender no modo de cada um narrar sobre professores que deixaram marcas. Ao se verem diante dessa reflexão, os sujeitos, nos enunciados, se definem, destacando elementos que refletem diretamente nas suas ações como docentes e que surgiram a partir das relações estabelecidas. Abaixo segue o primeiro enunciado e o nosso gesto interpretativo:

(...) professora Teresa me marcou muito, professora de história e geografia porque ela fazia a gente viajar através dos mapas dela, filmes, e o tempo todo ela fazia com que a gente interagisse com o momento, fazendo a gente perceber a situação que a gente tava, fazendo relações... então foi uma professora que marcou muito; em contrapartida nesta mesma época tinha uma professora de educação física que eu era uma adolescente obesa e eu não tinha resistência pra correr né? eu odiava Educação Física (...)

Nesse enunciado compreendemos que a relação que o sujeito estabelece com as marcas deixadas pelos professores é de valorização da interação aluno/conhecimento, proporcionada pela prática da professora, na dinâmica de fazer relações com a situação que estava sendo vivenciada. A marca dessa professora no sujeito é entendida aqui como uma atitude valorativa que esse sujeito assume de conceber a sala de aula como espaço de interação entre professor/aluno/conhecimento e de construção de significados. Contrária a essa realidade, na mesma época, esse mesmo sujeito aponta uma experiência negativa com a Educação Física: a marca da não identificação com a disciplina e conseqüentemente com a professora por conta das limitações físicas que segundo o sujeito, faziam ter ódio da disciplina. Por conta dessa limitação não ocorria a interação com a professora e com a disciplina, aspecto tão valorizado por esse sujeito.

Já no enunciado abaixo transcrito, compreendemos que o sujeito estabeleceu uma relação de percepção desses professores como alguém que ensinou e ao ensinar, nas diferentes fases da vida, construiu, em parceria, aspectos significativos da vida do sujeito. Entendemos que há uma valorização do professor como uma pessoa que imprimiu marcas positivas ao caminhar junto com o aluno no sentido de essas marcas permanecerem até o presente momento, (...) *até agora na graduação, na pós-graduação(...)* o sujeito percebe “*realmente*” essas marcas em si. (...) *perceber o que eu tenho desses profissionais(...)* (...) *criaram ou teceram realmente comigo essa teia da minha vida (...)*

(...) perceber o que eu tenho desses profissionais que me ensinaram, ou pelo menos esse é o meu olhar né? ele pode se alterar é um olhar instantâneo, momentâneo mas se ele ficou assim nesse momento agora é porque realmente aquele profissional dos primeiros anos ou até agora na graduação, na pós-graduação criaram ou teceram realmente comigo essa teia da minha vida (...)

Do terceiro enunciado, gostaríamos de destacar a relação que o sujeito faz das marcas que esses professores deixaram com a sua própria prática. Esse sujeito vê o professor como alguém que passa inspiração na sua forma de agir, de relacionar-se com os alunos, de ensinar. Baseando-se nesses professores é que o sujeito diz construir a sua prática, vendo-os de forma positiva e ao mesmo tempo em que diz vê-los positivamente aponta aqueles que não vê dessa forma dizendo entender a situação de produção e justificando ser o momento histórico que permitiu aquela atuação não tão positiva. Percebemos nesse enunciado um discurso circular, pois ao mesmo tempo em que o sujeito diz que buscou mencionar os professores de forma positiva e que esses são os que inspiram a sua prática, se refere aos que não viu positivamente, apontando uma justificativa para agirem dessa forma.

(...) pensar o que, como os professores me influenciaram a minha vida porque que eles marcaram a minha trajetória automaticamente me levou a pensar na minha própria prática, porque querendo ou não, o que eu gostei digamos dele foi o que me fez gostar também da minha prática, por exemplo nas atitudes, as relações com os alunos, a metodologia que eles usavam que de certa forma me inspiraram como professora a fazer isso com meus alunos, porque eu busquei falar dos professores de forma positiva porque eu acho assim, mesmo aqueles que eu não vi tão positivamente assim foi o que naquele momento histórico, naquele momento que era permitido a eles usar aquela forma né?(...)

Dirigir a discussão em torno desse outro que, em determinado momento, constituiu o nosso ser, remete ao conceito de alteridade dentro da teoria enunciativa. De acordo com Bakhtin (1961, p.287), “ser significa se comunicar”. Nesse sentido a teoria compreende que para a constituição da subjetividade, a alteridade é inerente, pois “eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro por encontrar um outro em mim.” (p. 287). Nessa perspectiva compreendemos que os dados anteriormente discutidos enunciam o movimento dialógico da vida:

Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa participa integralmente e no correr de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal. (BAKHTIN,1961, p. 293)

Ao refletir sobre o relato do vivido, os enunciados dos sujeitos sinalizam que das relações que estabeleceram com esses professores, as marcas positivas ou negativas que ficaram se configuraram como referenciais para reflexões e tomada de posicionamento no processo de (re)constituição de sua identidade profissional. Dessa maneira, entendemos que a identidade se forma do diálogo entre o particular e o coletivo, entre o individual e o social, no meio do que já aconteceu e o que virá a acontecer, ou seja, de um equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, num processo de formação e transformação. O enunciado abaixo de um dos sujeitos da pesquisa sinaliza essa compreensão:

(...) as marcas continuam e assim a partir disso eu já estou vivendo experiências né, uma forma que a gente tá sempre em construção, isso tá bom, isso não tá bom, pra gente refletir, pra mudar a ação, mudar a postura.

No dizer acima, o sentido que o sujeito atribui ao movimento de refletir sobre as marcas, é que ao se dispor a essa experiência, reconhece que a constituição da identidade é sempre um processo de idas e vindas, num repensar contínuo de escolhas, referências, de maneiras de como perceber e interpretar a própria vida. Nessa perspectiva Nóvoa (1995, p. 20) afirma que “a identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ‘ser’ e de ‘estar’ na profissão.” Diante dessa vivência de reflexão sobre si mesmo, compreendemos por meio dos enunciados dos sujeitos a concepção de se verem como seres inacabados e dependentes das relações dialógicas para se constituírem.

MAIS REFLEXÕES... PARA TERMINAR

Apresentamos este nosso trabalho com o propósito de compreender movimentos reflexivos que a prática de produzir narrativas escritas em contexto de formação de professores desencadeia. Esse exercício proporciona ao docente a desconstrução/construção de experiências constitutivas da sua identidade profissional e o motiva a reconhecer o “outro” como fundamento dessa identidade.

Os dados discutidos são de três docentes que participavam de uma formação e nesta produziram uma narrativa escrita sobre professores que deixaram marcas. A discussão se abriu numa atribuição de sentidos aos dizeres que esses sujeitos enunciaram, por meio de entrevista, sobre a experiência de escrever essa narrativa mencionada anteriormente. Os dizeres discutidos sinalizam regularidades e singularidades, já que o sujeito constrói sua experiência discursiva individual nas relações dialógicas com o social. Atribuímos como regularidade os sentidos que aproximam os três docentes quando enunciam ao refletir sobre narrar suas memórias uma motivação de se abrir ao resgate e reflexão de detalhes constitutivos de sua própria história, como forma de retroceder, voltar e se ver nessa história, com outros significados.

As singularidades se configuram por considerarmos que cada sujeito, mesmo se constituindo de experiências sociais essas são complexas e heterogêneas: cada um possui características específicas, pois viveram em lugares e momentos diferentes. Essa vivência diversificada gera uma atribuição de significados diferentes na reflexão sobre essa história formada de vivências específicas, momentos significativos na vida de cada um. As singularidades são sinalizadas pelos diferentes elementos que cada sujeito destaca desses professores e que dizem refletir diretamente nas suas ações como docentes.

Compreendemos que esse exercício favorece o entendimento do processo formativo desses sujeitos, já que se voltam ao diálogo consigo mesmo e com o outro. Assim, ao considerar que a formação identitária ocorre por meio das relações dialógicas, fazendo-se processual e contínua, nos dizeres apresentados anteriormente mesmo considerando as características de cada sujeito, estes se aproximam, quando ao se envolverem na reflexão sobre a prática de narrar experiências de convívio com o outro, que lhe imprimiu marcas, se movem ao encontro de uma desalienação individual, formando uma consciência de si mesmo, numa perspectiva de situar-se em diferentes posições no mundo como sujeito de sua própria história.

HERLANE MARIA TEIXEIRA SILVA

Formada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade de Pernambuco (1994), tem pós-graduação em Psicopedagogia Clínica pela FACINTER. Atualmente, possui vínculo empregatício no Estado de Pernambuco e Prefeitura

Municipal de Petrolina e é mestranda do Programa de Pós-Graduação /Mestrado em Educação da FURB em Blumenau-SC, desenvolvendo uma pesquisa de cunho qualitativo com a temática escrita docente, sob a orientação da professora doutora Maristela Pereira Fritzen.

SANDRA GUILHERME

Possui graduação em Letras-Português pela Universidade Estadual de Maringá (1999). Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Atualmente é Mestranda em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. Atualmente é professora na Educação de Jovens e Adultos e na Escola de Educação Básica Ivo D Aquino, ambas em Gaspar. Tem experiência na área da Educação (Letras), com ênfase em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. (org.) **Meu professor inesquecível**. São Paulo: Gente, 1997.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Para uma releitura do livro sobre Dostoiévski** (1961) In: Problems of Dostoevsky's poetics. Appendix II, p.283-302.
- CAMASMIE, A.T. **Narrativa de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo a luz de Hannah Arendt**. 2007. 105 f. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4862>. Acesso em: 11 dez. 2010.
- CATANI, D. B. et al. (orgs.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- ELBAZ, F. Teachers' knowledge of teaching: strategies for reflection, In: SMITH, J. (Ed) **Educating teachers: changing the nature of pedagogical knowledge**. London: The Falmer Press, 1990. p. 45-53.
- FERRER CERVERÓ, V. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A.(org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

RICOEUR, P. **O Si-mesmo como um Outro**. São Paulo: Papirus Editora, 1991.

SOUZA, E. C. de (org.). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Salvador/Bahia: EDUNEB – EDIPUCRS, 2006.